

Uma escola, muitas trajetórias: o jogo democrático em questão

A escolha por construir uma *escola-outra*, cujo projeto político-pedagógico esteja amparado por princípios de liberdade e de reconhecimento da pluralidade social, não é uma decisão fácil, porque nos exige pensar nas relações que estabelecemos na diferença e nas atitudes que tomamos frente a ela.

O desenho curricular do Colégio de Aplicação Fernando Azevedo (CAp), situado em Cabo Frio, Rio de Janeiro/ Brasil caminha para a construção de espaços interativos e de diálogo que apontam para o reconhecimento do outro ? *saber, fazer, existir* ? que é múltiplo e complexo.

Ao situar o jogo político que atravessa as relações escolares, destaco a possibilidade da participação e decisão coletiva para um projeto emancipatório da escola. Oliveira (2005:28) destaca que, *a construção da democracia implica em combater, com práticas reais, todas as formas de expressão do sistema de dominação social, (...) bem como todos os mecanismos de exercício de poder* que subalternizam o outro. Nesse sentido, o CAp vem buscando formas de organização curricular que rompam com a hierarquia disciplinar e as conseqüências disso: privilégios de algumas disciplinas e professores, fragmentação do plano escolar, assim como o isolamento de grupos dentro da escola.

A todo o momento surgem questionamentos sobre as práticas de integração curricular da escola, tanto na comunidade, como nos próprios debates internos. As dúvidas e questões que surgem trazem um movimento reflexivo sobre a idéia de escola como unidade totalizante, possibilitando o reconhecimento de que os embates que emergem da trama cotidiana expressam as diferentes formas de conceber o currículo.

Entendo que lutar contra valores e crenças cristalizados na cultura escolar exige bem mais que determinação e desejo; é preciso reconhecer que os conflitos fazem parte do jogo democrático que faz movimentar a trajetória social de cada sujeito. A escola, dentro da sua dinâmica social, constrói maneiras coletivas de existência, algumas aprisionadas pela sua ação homogeneizadora, e outras, que resultam plurais e imprevisíveis. A compreensão dos espaços de subjetivação existentes na escola coloca-nos a pensar nas possibilidades de invenção criativa na diferença, onde possam eclodir expressões e práticas diversas daquelas previamente determinadas.

Recentemente (junho/08), o CAp recebeu, em dia letivo, a visita do educador português José Pacheco, que, ao conhecer o projeto pedagógico da escola, decidiu participar da sua rotina. Percorreu as salas de aula e observou a dinâmica do trabalho nelas realizada, trocou experiências com alunos, pais e professores. Foi um dia especial para a comunidade escolar, que percebeu a dimensão da responsabilidade que tem ao tentar dialogar com diferentes concepções e culturas no *espaçotempo* escolar.

Esta escola real, múltipla e complexa vive a sua história, repensando cotidianamente a cultura hegemônica na organização do currículo e permitindo que a rede tecida ali possua variadas cores e tessituras, em movimentos singulares e, ao mesmo tempo, fazendo parte de um mesmo processo.

Referências bibliográficas

- OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org). *A democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 3ª ed. 2005.

Angela Chades